

A experiência dos outros

Enquanto o Brasil continua encaalhado na inflação e na estagnação e o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, tenta, mais uma vez, tirar o barco da tormenta, é interessante rever a experiência de países que conseguiram ou não realizar com sucesso um amplo programa de reformas econômicas. O assunto foi objeto de um livro organizado por John Williamson, do Instituto de Economia Internacional, de

Washington, que examinou a experiência de 11 países que tiveram sucesso (Chile, México e Portugal, entre eles), contrapondo-a com a de dois (o Brasil de José Sarney e o Peru de Fernando Belaunde), que fracassaram. O livro foi objeto de uma recente resenha do *The Economist*, de 22 de janeiro. No que se segue, utilizarei as lições do livro, conforme essa resenha, relacionando-as com o Brasil de hoje.

Um fator onipresente de sucesso, mas não suficiente para garanti-lo, é a presença de uma equipe econômica competente, unida e falando coerentemente. A equipe de FHC é individualmente competente, parece que está unida, mas há problemas com o discurso. Williamson adverte particularmente contra a pre-



Liderança de visão também está presente em todos os casos de sucesso

sença de "tensão criativa", com gente dizendo coisas diferentes ou não conseguindo bem explicá-las, o que compromete a consistência e a coerência do discurso. Percebe-se essa tensão no caso da Unidade Real de Valor (URV): ainda não está claro que bicho é esse e quando vai ser solto. Os agentes econômicos querem saber coisas concretas: como ficam ações, CDBs e a poupança na conversão, como esta afeta uma venda a prazo, como será o caso dos salários, dos alugueis, e por aí afora. O governo precisa aliviar essa "tensão criativa", que gera confusão e remarcação defensiva de preços.

É preciso de economistas? Usualmente, há economistas tocando o barco, mas envolvidos na política, os chamados "tecnopols", mistura de tecnocratas e políticos. FHC, sociólogo e senador, poderia ser chamado de "sociopol" ou "polisoc", mas com seu aprendizado no trabalho e a assessoria que tem (Bacha, Arida, Malan, entre outros), passa também como "tecnopol". Por aí não vejo problema, ou mais problemas do que já enfrentaram outros ministros e suas equipes. Há quem diga que precisamos de uma ditadura, como a do Chile. É uma boba-

gem que a estatística refuta. Dos 11 bem-sucedidos, seis eram democracias. Quando a ditadura daqui saiu, já havia engravidado a economia com inflação e estagnação. O monstro nasceu forte e quem veio depois continua alimentando-o.

Seja com democracia ou com ditadura, o sucesso depende de uma boa base política. Aqui, vendo o que se passa no Congresso, estamos numa pior. A base política do governo tem a solidez de uma gelatina. No máximo, consegue-se um apoio para empurrar a coisa até o próximo presidente, que vai herdar, na melhor das hipóteses, um ajuste fiscal por consolidar e a URV para administrar.

Uma liderança de visão também está presente em todos os casos de sucesso, com perfil variado, desde ditadores a líderes de forte vocação democrática. Aqui estamos mal. Sarney tinha uma visão emaranhada. Collor até que enxergava longe, longe demais. Perto é que tinha dificuldades. Itamar é de Juiz de Fora e também de fora por outras razões. O que pensa, por exemplo, sobre a revisão constitucional e o que está fazendo a respeito? Há um caso interessante, o da Nova Zelândia, onde quem tinha uma visão transformadora era o ministro da Fazenda, Roger Douglas, que assim fez juz ao seu nome de ator, atuando como chefe. FHC poderia desempenhar esse papel se seu patrão e o Congresso não atrapalhassem. Finalmente, as condições econômicas

também influem, mas as lições novamente não são claras. As crises costumam precipitar soluções, mas estas também ocorrem sem elas. Para haver uma solução sem crise, é necessário que o país tenha condições de tomar uma solução coletiva racional. No Brasil, essa solução é difícil. Não há uma força politicamente hegemônica e o Congresso é, um saco de gatos e, também, de alguns gatunos.

Ponderando todos esses fatores, realisticamente a saída no momento está difícil. Estamos sem os fatores fundamentais, cujo papel se revela mais claro, ou seja, um líder de visão, uma base política forte e um time falando uma mesma língua inteligível. Além disso, o tempo é curto. Se ficar no governo, FHC pode consolidar-se como líder, ampliar a base política e consolidar o discurso, da equipe, arrumando um pedaço da casa para o novo governo. Difícil com ele, pior sem ele. Se sair, o próximo presidente deve herdar uma situação ainda mais complicada do que já está e, se falhar, a crise pode se agravar a ponto de precipitar uma solução. Será lamentável se o País engrossar o grupo daqueles que só saem da crise quando o sofrimento se torna insuportável. Não satisfeito com o que já sofre há muitos anos, o Brasil parece ser daqueles que gostam de apanhar.

■ Roberto Macedo é professor da FEA-USP e pesquisador da Fipe e do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.